

Eu, mamãe e os meninos Ou Les garçons et Guillaume, à table!

Esther Mikowski

Eu, mamãe e os meninos (Les garçons et Guillaume, à table!) premiado filme francês de 2013 se utiliza da metalinguagem para falar daquilo que Lacan nomearia de "partilha dos sexos". O filme trata de um ator que constrói e conta no palco a história de um sujeito, cujo gênero poderíamos definir do sexo masculino, que "*se aceitou heterossexual mesmo sua família decretando ser ele homossexual*", palavras de Guillame.

Em uma trama tecida entre cenas vividas e contadas, é o olhar das cenas de Guillaume contando sua angústia diante do desejo materno que tem um lugar central. Ele passou parte de sua vida pensando que sua mãe o olhava como menina, talvez ela o fizesse, e por conta disso identificava-se com este olhar que lhe aprisionava a ponto de buscar nela tudo aquilo que pudesse lhe ensinar como ser mulher. Dos homens da sua família, pais e irmãos, buscava o avesso e por isso sofria com a indiferença e agressividade tal qual sua mãe.

É do olhar que trata o filme. Freud (1905) já dizia que a "pulsão de saber" impulsiona a curiosidade da criança em torno do sexo e tem como um dos seus componentes a escopofilia, que entendemos a partir de Lacan como a pulsão escópica. O ver e ser visto estão a todo tempo em destaque na trama construída por Guillaume, pois aquilo que ele busca ver não estava visível aos olhos nem o que ele vê explicava a angústia que o coloca em questão.

O filme parece deixar claro que nem a questão do gênero nem da escolha amorosa se sobrepõe a maneira masculina ou feminina (LACAN, 1972/73) que o sujeito pode vir a se colocar no mundo. A história, o desejo do Outro e os significantes são os caminhos que nos fazem pensar que levam o sujeito a vir a se inserir de algum lado na partilha do sexo.

Guillaume também mostra que as expectativas criadas em torno da criança podem fazer uma função até mesmo inapreensível para quem o faz a ponto de os papéis se confundirem, como a cena final sugere.

Sobre o título, em francês, ele repete a evocação da mãe de Guillame durante sua vida: "*os meninos e Guillaume, à mesa*". A separação no discurso entre os meninos e Guillaume é escutada como destino até quando ele pôde escutar uma outra coisa: "*as meninas e Guillaume, à mesa*". O tradutor brasileiro não fez jus ao título francês que por si conta do engodo no qual Guillaume foi imerso desde tenra idade.

Por fim, duas observações:

Guillaume não se identifica com Sissi e, sim, com a Arquiduquesa Sofia, mas esta na história do Império Austro-Húngaro não tinha nada do que esperamos de uma mulher.

Não deixem de prestar atenção para os primeiros créditos finais do filme. É surpreendente ver "Aqui há UM" (Lacan, 1972/73).

Referências

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a sexualidade. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. VII Rio de Janeiro: Imago, 1972.

LACAN, J. O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-1973/1985. 201p.